

OS RESULTADOS DA PARCERIA ESTRATÉGICA BRASIL-CHINA PARA O FORTALECIMENTO COMERCIAL DA CADEIA PRODUTIVA DA SOJA NO MATO GROSSO DO SUL 2003-2013

THE RESULTS OF THE BRAZIL-CHINA STRATEGIC PARTNERSHIP FOR TRADE STRENGTHENING OF THE SOYBEAN PRODUCTIVE CHAIN IN MATO GROSSO DO SUL 2003-2013.

Tomaz Espósito Neto (UFGD)
tomazneto@ufgd.edu.br

Karla Kananda C. da Cruz (UFGD)
karla_kananda@hotmail.com

Resumo: O presente artigo, resultado de pesquisa apoiada financeiramente pela FUNDECT-MS e PROPP/UFGD, tem como propósito analisar o desenvolvimento do complexo da soja a partir da relação bilateral comercial Brasil-China e suas consequências para o Mato Grosso do Sul na última década. Com isso, objetiva-se demonstrar a trajetória do aumento da produção, exportação e empregos formais no mercado de soja, especificamente nessa região. A parceria estratégica entre o Brasil e a China iniciada em 2003, no governo Lula, e afirmada em 2004 com a visita do presidente brasileiro à China, resultou numa fortificação do comércio bilateral, beneficiando o Brasil em relação à demanda de matérias-primas e a China em relação à demanda de bens manufaturados. O governo Dilma (2010-2014) seguiu os mesmos princípios de política externa do governo anterior, dando seguimento às ações de Lula.

Palavras-Chave: Relação Brasil-China. Complexo da Soja. Política Externa Brasileira.

Abstract: This article, resulted of a research sponsored by FUNDECT-MS and PROPP/UFGD, aims to analyze the development of the soybean complex from the Brazil-China bilateral trade relationship and its consequences to Mato Grosso do Sul in the last decade. The objective is to demonstrate the trajectory of the increase in production, exports and formal employment in the soybean market, specifically in that region. The strategic partnership between Brazil and China began in 2003, during Lula government, and was endorsed in 2004 with the visit of the Brazilian President to China, resulting in the fortification of bilateral trade, benefiting Brazil on the demand for raw materials and China on the demand for manufactured goods. Dilma government (2010-2014) has followed the same foreign policy principles of the previous government, giving continuity to Lula's actions.

Keywords: Brazil-China Relations. Soy Complex. Brazilian Foreign Policy.

Recebido em: 22/08/2014

Aprovado em: 08/09/2014

Introdução

Importantes mudanças na estrutura da economia internacional ocorreram entre o final do século XX e o início do século XXI. Uma das principais foi a ascensão de países emergentes, dentre esses a China, o que ocasionou uma mudança na “geografia econômica” mundial (AMSDEN, 2009). Nas últimas décadas, a economia chinesa cresceu de forma exponencial e se tornou a segunda potência econômica do mundo, com um PIB de 8,227 trilhões de dólares.

Em 2001, a China ingressou na Organização Mundial do Comércio, tornando-se um *global player* no cenário internacional. Entre 2003 e 2013, o Brasil e a China desenvolveram uma relação fortificada, com o início da construção de uma cooperação bilateral estratégica, cuja raiz se encontra na administração de Fernando Henrique Cardoso (1999-2002), tendo sido efetivamente fortalecida no governo Lula durante seus dois mandatos (2003-2010).

Segundo Oliveira (2004, p. 19), o Brasil é “o maior país em desenvolvimento no cenário latino-americano” e a China é “o maior país em desenvolvimento no mundo”. Ambos “estão empenhados em conseguir desenvolvimento econômico e em melhorar as condições de vida de suas populações”. Portanto, para esse autor, a cooperação tem um significado muito relevante para os dois países, que não apresentam “choques de interesses fundamentais”, ao contrário, complementam-se.

Em 2004, o presidente Lula visitou a China para negociar a parceria estratégica. A partir de então, o Brasil começou a receber uma crescente demanda chinesa por produtos primários, tais como a soja e o minério de ferro. Aliás, a exportação de produtos primários é a principal responsável pelo saldo da balança comercial.

Em 2008, mesmo com a “crise financeira internacional”, ambos os países continuaram com suas economias equilibradas. Originada em meados de 2007 no mercado norte-americano de hipotecas de alto risco (*subprime*), a crise adquiriu proporções sistêmicas após a falência do banco de investimentos Lehman Brothers, colocando em xeque a arquitetura financeira internacional à medida em que explicitou as limitações dos princípios básicos do sistema de regulamentação e supervisão bancária e financeira em vigor” (FARHI, PRATES, FREITAS e CINTRA, 2009, p. 135).

Em 2009, a relação sino-brasileira se consolidou e a China tornou-se o principal destino das exportações brasileiras. Em 2010, o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Popular da China firmaram o plano de ação conjunta 2010-2014. Nesse mesmo ano, 83% das mercadorias exportadas pelo Brasil eram produtos básicos (MDIC, 2011). Por outro lado, 97,5% das importações da China eram produtos manufaturados.

Surge, então, o debate em torno do processo de desindustrialização, caracterizada como uma situação na qual tanto o emprego industrial quanto o valor adicionado da indústria se reduzem como proporção do emprego total e do PIB, respectivamente ((DIEESE, 2011, p. 3). A desindustrialização brasileira é resultado da especialização do país em produção e exportação de *commodities*. O debate questiona a queda da participação do setor industrial no

PIB nacional. A tabela 1, abaixo, mostra que durante um grande período, com exceção do ano de 2010, o PIB agrícola foi superior ao da indústria.

Tabela 1 – PIB total e setorial: taxas médias anuais de crescimento (%)

Período	1989-2001	2001-2006	2007	2008	2009	2010	2006-2010
PIB Total	2,2	3,0	6,0	5,2	-0,3	7,5	4,6
PIB Agrícola	3,8	3,9	4,8	6,3	-3,1	6,3	3,5
PIB Industrial	1,4	3,2	5,3	4,1	-5,6	10,4	3,4
PIB Ind. Transf.	1,4	2,8	5,6	3,0	-8,7	10,1	2,3
PIB Serviços	2,4	3,2	6,1	4,9	2,1	5,5	4,6

Fonte: IPEA-DATA, 2010.

De acordo com o pensamento heterodoxo, essa especialização do Brasil no setor primário é vista como uma ameaça ao desenvolvimento nacional, pois, segundo essa perspectiva, a indústria é a responsável pelo crescimento a longo prazo e pelo progresso tecnológico. Portanto, esse fenômeno é caracterizado como de impacto negativo sobre o crescimento a longo prazo (OREIRO & FEIJÓ, 2010). Contudo, é necessário levar em conta que a desindustrialização só passa a ser um problema a partir do momento em que ameaça o crescimento econômico e a qualidade de vida da população nacional. Nesse caso, o Brasil ainda não foi afetado. Mesmo com sua especialização no setor primário, ainda há resultados positivos em seu crescimento econômico.

Apesar da discussão sobre o processo de desindustrialização, a evolução da exportação de *commodities* mostra como o agronegócio se tornou importante para a economia brasileira, com uma grande participação no PIB, ocupando uma posição de destaque internacional, além de promover a geração de empregos e renda no país, principalmente nas regiões produtoras.

O presente trabalho tem como objetivo examinar os impactos da relação Brasil-China a partir das políticas externas realizadas na última década (2003-2013), e, especificamente, o impacto econômico e social dessa relação na área de exportação de soja do estado de Mato Grosso do Sul. Parte-se da hipótese de que a abertura do mercado chinês e a construção da parceria estratégica sino-brasileira nos últimos 10 anos tiveram impactos positivos na economia sul-mato-grossense, especialmente na cadeia produtiva da soja. Assim, percebe-se que essa parceria, nos últimos anos, teve impactos diferenciados nas mais diversas regiões e nos diferentes setores da economia brasileira; por outro lado, deve-se ressaltar que a melhora dos indicadores econômico-sociais sul-mato-grossenses também foi fortemente influenciada pelas políticas públicas, como os programas de distribuição de renda do governo federal. Os ganhos, no entanto, foram potencializados pela expansão chinesa.

Nesta pesquisa optou-se pelo método histórico-descritivo. O texto baseou-se na análise de bibliografias selecionadas e de fontes primárias (documentos, discursos, entre outros) disponíveis em *sites* oficiais brasileiros, como Ministério de Desenvolvimento de Indústria e Comércio (MDIC), Ministério de Relações Exteriores (MRE), Ministério da Agricultura, Agropecuária e Abastecimento (MAPA), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre outros.

O marco teórico utilizado para o desenvolvimento da pesquisa foi o artigo “Diplomacia e política doméstica: a lógica dos jogos de dois níveis”, de Robert D. Putnam (2010), no qual o autor aborda a interação entre política doméstica e política internacional, desenvolvendo mecanismos para que um “jogo” de negociações entre o nível doméstico (denominado nível II) e o nível internacional (denominado nível I) possa ocorrer. Putnam cita, também, os princípios da Escola Francesa de Relações Internacionais, por meio dos quais explica o papel das forças profundas e do homem de Estado (DUROSELLE & RENOUVIN, 1967).

Segundo Duroselle e Renouvin, para se estudar os acontecimentos internacionais, deve-se levar em conta as forças profundas, que são, além das relações entre os grupos humanos (Estados), fatores geográficos, demográficos, econômicos, o nacionalismo, dentre outros. Ações pessoais dos homens de Estado, apesar de muitas vezes serem influenciadas por essas forças, também são capazes de mudar o curso das relações internacionais. Então, para esses autores, é necessário estudar o conjunto de circunstâncias de um determinado momento para entender a história das relações internacionais. No presente caso, a ascensão chinesa foi como o marco das forças profundas e o curso das relações internacionais foi mudado pelas ações de Lula.

Este artigo é dividido em três partes: a primeira mostra a evolução da relação sino-brasileira para uma parceria estratégica; a segunda examina a importância do agronegócio e do complexo da soja para o Brasil; e a terceira parte analisa o impacto da relação bilateral para o Mato Grosso do Sul.

1.As Relações Brasil-China: uma parceria estratégica?

Desde o início do século XXI, a política externa brasileira tem passado por várias transformações, dentre elas a maior participação do país no sistema internacional e um afastamento em relação aos Estados Unidos. O governo brasileiro, para tanto, procurou ampliar e diversificar suas parcerias com países do hemisfério sul. Essa estratégia foi iniciada ainda no governo de Fernando Henrique Cardoso (OLIVEIRA, 2012).

Para se entender melhor a parceria bilateral estabelecida entre o Brasil e a China nos últimos anos, é necessário fazer uma breve análise da política externa brasileira a partir de meados da década de 1990. O então presidente Fernando Henrique Cardoso, cujo foco político principal era a construção do regionalismo na América do Sul, procurou estabelecer parcerias bilaterais extrarregionais com o objetivo de estabilizar a economia nacional e transformar o Brasil em um “global player”.

A diplomacia brasileira no período 1990-2002 priorizava, pois, restaurar a imagem externa do Brasil como país economicamente estável e democrático. Buscava-se restituir a credibilidade internacional do país por intermédio da sua participação nos regimes internacionais de que esteve afastado durante a Guerra Fria, bem como do compromisso com a estabilidade macroeconômica e a manutenção da governabilidade. Os interlocutores preferenciais eram os países industrializados, com os quais se tencionava atrair maiores benefícios econômicos e dialogar em alto nível (LEITE, 2011, p. 166).

Com a eleição de Luís Inácio Lula da Silva em 2003, os assuntos relacionados à temática social, como saúde, educação, combate à pobreza e comércio ganharam mais importância na política externa brasileira, estreitando as relações com países da África, Ásia e América do Sul, principalmente. Esse processo é conhecido como Cooperação Sul-Sul.

Apesar das semelhanças de atuação de ambos os chefes de Estado, a diferença entre os governos FHC e Lula está na ideia de ajustes e mudanças de programa. Lula, em seus dois mandatos, deu ênfase à política externa (ajustes) e à busca de inserção internacional do Brasil (mudanças de programa) (VIGEVANI & CEPALUNI, 2007).

Entre 1998 e 2005, o peso da participação dos mercados tradicionais (Estados Unidos, União Europeia, Japão, Canadá, México e MERCOSUL) diminuiu de 79,3% para 67,2%, enquanto a participação do mercado alternativo (China, Ásia-Pacífico, África, Europa Oriental, Oriente Médio etc.) aumentou de 19,7% para 31%. Outro elemento que também fortaleceu as alianças estabelecidas durante o governo Lula com os países alternativos foi o surgimento de interesses econômicos, consolidados em iniciativas como os BRICS e o IBAS (VIGEVANI & CEPALUNI, 2007).

Em sua primeira gestão (2003-2006), Lula inicialmente seguiu as principais diretrizes de estratégia política do governo anterior, como o foco regional, e continuou com a ativa “diplomacia presencial” (DANESE, 1999). Contudo, sua Política Externa inovou em outros aspectos – essa gestão difere da anterior em relação ao tipo de relações estabelecidas: Cardoso priorizava as parcerias com países desenvolvidos; a estratégia de Lula era manter o nível de

relação e influência regional e buscar nos países emergentes apoio para o desenvolvimento político, econômico e tecnológico.

Esta perspectiva corresponde plenamente à estratégia brasileira de negociação de seu espaço no Sistema Internacional e está baseada no princípio de que, apesar de suas assimetrias e diferenças, os países emergentes do Sul apresentam a similaridade de contarem com um sistema de comércio que privilegia os interesses dos países do Norte e que, conseqüentemente, é necessária uma ação conjunta para tentar ampliar as possibilidades do Sul. Daí então a atual ênfase brasileira na constituição de coalizões ou a importância da parceria com a República Popular da China, seja sob o signo de Cooperação Sul-Sul, de Parceria Estratégica ou de Potências Emergentes (OLIVEIRA, 2010, p. 94).

A política externa do governo Lula foi marcada por algumas mudanças: a) contribuiu para a busca de maior equilíbrio internacional, procurando atenuar o unilateralismo; b) fortaleceu relações bilaterais e multilaterais de forma a aumentar o peso do país nas negociações políticas e econômicas internacionais; c) adensou relações diplomáticas no sentido de aproveitar as possibilidades do maior intercâmbio econômico, financeiro, tecnológico e cultura; d) evitou acordos que pudessem comprometer a longo prazo o desenvolvimento (VIGEVANI & CEPALUNI, 2007).

O governo Dilma tem dado seguimento, mesmo que com menor intensidade, ao governo anterior, na procura de maior autonomia brasileira e “diversificação de parcerias”. A presidente manteve também a Cooperação Sul-Sul e as relações regionais, e promoveu uma inovação em 2011, durante uma visita à China, quando assinou novos acordos na área de energia, eletricidade, aeronáutica, entre outros (SARAIVA, 2010). Portanto, a relação bilateral sino-brasileira foi intensificada, no âmbito da Cooperação Sul-Sul, a partir da aproximação entre o Brasil e os países em desenvolvimento, com o objetivo de rever os conceitos que os caracterizam e os problemas comuns: política externa e interna fracas e um alto nível de vulnerabilidade (LEITE, 2011).

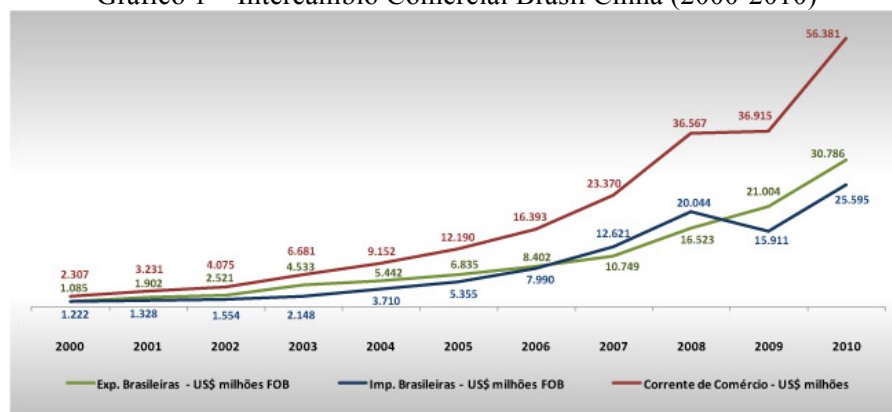
A reaproximação entre os dois países, no início do século XXI, ocorreu principalmente devido ao plano tático do governo Lula de estabelecer “parcerias estratégicas” com países emergentes, dando prioridade à China. Essa parceria foi reafirmada com a visita do presidente à RPC em maio de 2004 (LESSA, 2003); já no fim do mesmo ano, a relação bilateral entrou em crise por causa de uma queda superavitária brasileira identificada desde o fim do ano anterior.

A reversão desse quadro róseo a partir de 2003, com a aceleração das exportações chinesas ao Brasil, a taxas superiores às das exportações brasileiras à China, reduziu o superávit comercial brasileiro em um terço

entre 2003 (US\$ 2,4 bilhões) e 2005 (US\$ 1,5 bilhão) (BIATO, 2010, p. 168).

Entre 2002 e 2005, a participação da China nas exportações brasileiras foi relativamente baixa, passando de 4,2% para 5,8% (MDIC, 2013). A partir de meados de 2005, a relação começou a se recompor diante dos pequenos superávits comerciais brasileiros, e a China teve o Brasil como seu maior fornecedor (gráfico 2). A partir de 2006, a parceria entrou em uma nova fase, mais forte e promissora. A relação sino-brasileira se tornou, então, assunto de grande relevância para a política externa do Brasil. Isso fica visível na crise de 2008, com a ação conjunta de Brasil e China para recuperar a economia nacional e internacional. Segundo o MDIC, o valor das exportações brasileiras com destino à Ásia passou de US\$ 1,1 bilhão em 2000 para US\$ 16,4 bilhões em 2008. O gráfico 1 mostra a reação do comércio bilateral em relação ao Brasil diante da crise de 2008. Mesmo que tenha ocorrido um decréscimo, ele foi rapidamente debelado e o saldo voltou a ser positivo em 2009.

Gráfico 1 – Intercâmbio Comercial Brasil China (2000-2010)



Fonte: MDIC/Elaboração:Apex-Brasil (FAMASUL, 2014).

Segundo Biato (2010), o início dos anos 2000 foi um “divisor de águas” na evolução da parceria estratégica, pois a população chinesa passou a demandar matéria-prima acima da sua capacidade de produção, o que aumentou a demanda internacional, principalmente por alimentos, como grãos e carnes. Surgiu, assim, a relação comercial: o Brasil exportava alimentos em troca de produtos manufaturados com baixo custo. Na verdade, a China dispõe de tecnologias e terras aráveis suficientes para a produção de produtos agrícolas, mas o governo chinês considera economicamente mais atrativo importar cereais e utilizar suas terras para produtos mais rentáveis.

Apesar de serem agricultáveis menos de 10% de seus 9.600.000 km², os estudos consideram que, mesmo com os níveis atualmente disponíveis de tecnologia agrícola, a China dispõe de suficiente quantidade de terras aráveis para alimentar uma população de 1,480 bilhões, projetada para 2025, ou de 1,600 bilhões, prevista para 2050 (MARTINS, 2008, p. 75).

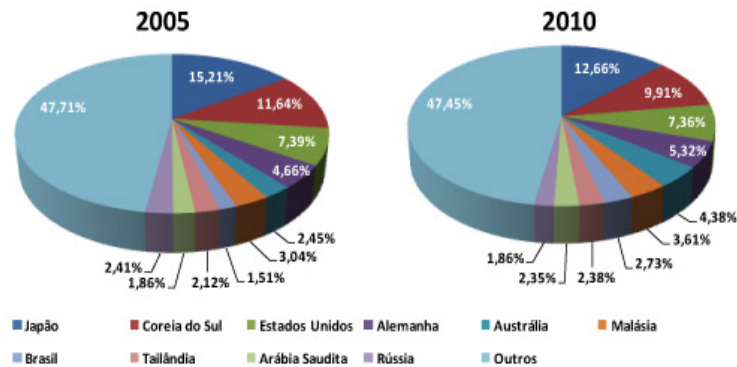
Em 2003, a China torna-se, portanto, o principal mercado de exportação dos produtos do complexo de soja brasileiro, especialmente através dos grãos de soja triturados, com mais de 1,300 bilhões de dólares exportados. E em 2013, de acordo com a tabela 2, o complexo da soja continua sendo o campeão no *ranking* dos dez principais produtos brasileiros exportados para a China (MDIC, 2014).

Tabela 2
Os dez principais produtos brasileiros exportados para a China em 2003 e 2013

Descrição	2003		2013	
	Valor (US\$)	Part. (%)	Valor (US\$)	Part. (%)
Outros grãos de soja mesmo tritu	1.313.073.236	28,97	17.145.722.080	37,25
Minérios de ferro não aglomerados	520.770.739	11,49	15.227.156.285	33,08
Pasta quim. Madeira de n/ conif.	299.386.144	5,72	1.344.596.719	2,98
Óleo de soja em bruto degomado	255.400.327	5,65	507.163.277	1,10
Minérios de ferro aglomerados	244.065.520	5,39	705.967.631	1,53
Outros prods semi-manufaturados	182.704.610	4,00	28.712.353	0,06
Lamin, ferro, aço	151.593.706	3,34	15.350.147	0,03
Outras partes acess. p/ trato e aut	113.707.699	2,51	21.320.218	0,05
Outros motores de explosão p aut	74.449.368	1,64	21.320.218	0,05
Outras madeiras serradas cortad.	61.964.635	1,37	17.867.253	0,04

Fonte: MDIC, 2014.

Gráfico 2 – Principais Parceiros/Fornecedores da China



Fonte: MDIC/ Elaboração: Apex-Brasil (FAMASUL, 2014).

Esse aumento teve um impacto importante na expansão do agronegócio, em especial da soja. Afetou positivamente a economia brasileira, além de ter causado impactos sociais, como, por exemplo, a geração de empregos formais.

2. A Importância do Agronegócio e do Complexo da Soja para o Brasil

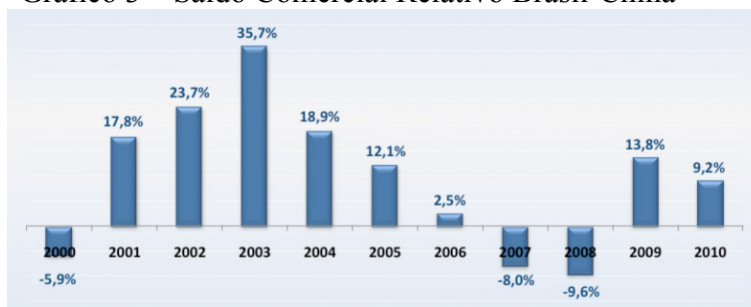
A soja, de origem chinesa, chegou ao Brasil em 1882, e a partir de 1940 começou a participar da agricultura nacional. Até 1980, as lavouras encontravam-se na região Sul, chegando ao Centro-Oeste após a adaptação dos cultivares ao solo e ao clima (EMBRAPA, 2004).

O complexo da soja, composto por soja em grão, farelo e óleo, compõe um número expressivo na tabela de produtos brasileiros exportados, conforme mostra a tabela 2; conseqüentemente, esse item tem afetado os indicadores econômicos do país desde sua intensificação. Dentre os setores do complexo, a produção de grãos se sobressai. Essa cadeia produtiva cresceu consideravelmente nos últimos anos, tornando-se líder no mercado internacional (DALL'AGNOL; LAZAROTTO; HIRAKURI, 2010). O Brasil, atualmente, é segundo maior produtor e exportador de soja, e esse fato contribui para a geração de emprego e de renda no país, especialmente nas principais regiões produtoras dessas *commodities* (SILVA, LIMA & BATISTA, 2011).

A concretização da relação sino-brasileira estimulou políticas públicas no governo Lula, como aumento de crédito e seguro rural, investimentos em pesquisas e extensão e redução de preços de insumos agricultáveis. Ainda, contribuiu, também, para o aumento de consumo mundial do produto (MARTINS, 2007). O grão da soja, utilizado tanto para a fabricação de ração animal (quando transformado em farelo) quanto para alimentação humana (quando transformado em óleo, leite ou farinha), é o principal produto de exportação brasileira para a República Popular da China desde 2003 (tabela 2).

Em 2009, conforme dados consolidados de comércio exterior (MDIC, APEX-BRASIL, 2010), a China se tornou o principal parceiro comercial do Brasil, ultrapassando o posto ocupado durante 80 anos pelos Estados Unidos. O crescente mercado consumidor chinês passou a ser um dos principais destinos dos produtos do agronegócio brasileiro, responsável pelo superávit comercial e pelo equilíbrio da balança de pagamentos do país (gráficos 3 e 4), atingindo o saldo de US\$ 19,4 bilhões em 2012 (MDIC, 2012).

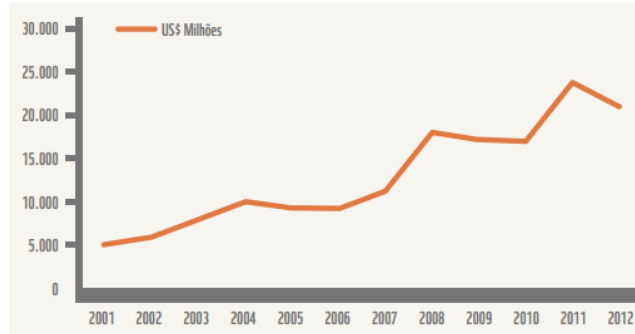
Gráfico 3 – Saldo Comercial Relativo Brasil-China



Fonte: MDIC/ Apex-Brasil, 2010.

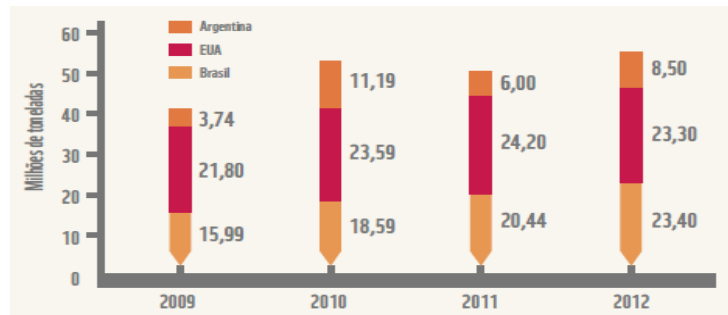
Pode-se perceber a evolução das exportações (gráfico 4) dos produtos do complexo da soja brasileira, composto pelo grão, farelo e óleo (gráfico 6), e das importações chinesas (gráfico 5) da soja em grão. Esse resultado deve-se à qualidade tecnológica e nutricional da soja brasileira, composta por 42% de proteína e 22% de óleo.

Gráfico 4: Evolução das Exportações do Complexo da Soja Brasileira



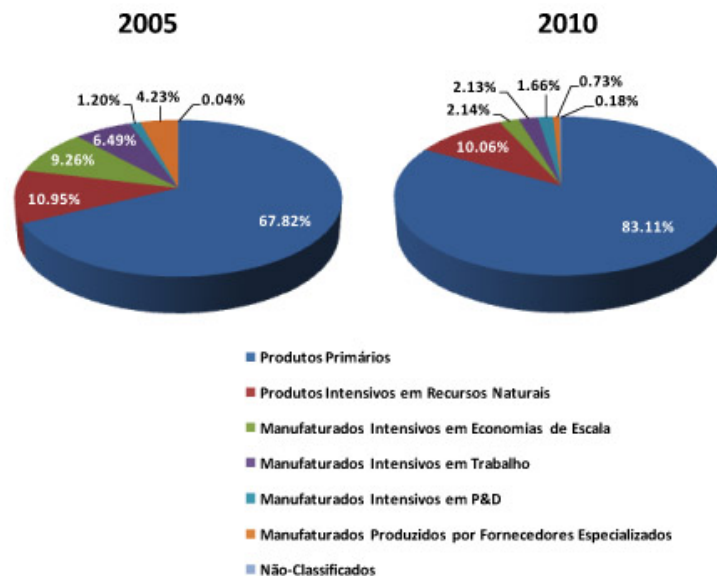
Fonte: WWF-Brasil, 2012.

Gráfico 5: Importação Chinesa de Soja Segundo Origem



Fonte: USDA, 2012.

Gráfico 6 - Exportações brasileiras para a China por intensidade tecnológica 2005- 2010



Fonte: MDIC/ Apex-Brasil, 2010.

No Brasil, nos últimos anos, houve um declínio do peso da indústria nas atividades econômicas, acompanhado de um aumento nas atividades de baixa intensidade tecnológica. Mesmo assim, o saldo da balança comercial apresenta resultado positivo – esse processo é conhecido como reprimarização. Isso se explica porque, atualmente, a exploração de produtos primários é realizada com mais sofisticação e inovação tecnológica; portanto, o processo de desindustrialização é relativo (SALAMA, 2012).

Pode-se analisar a relatividade do processo de desindustrialização brasileira a partir dos benefícios gerados pela produção de *commodities* para as regiões produtoras. Nesse caso, principalmente a região Centro-Oeste do Brasil é considerada uma das maiores na geração de empregos formais, sendo essa liderança justificada pelo fato de seus estados serem os maiores produtores agropecuários do país (tabela 3).

Tabela 3 – Números de empregos formais no setor da agropecuária, segundo unidade da federação 2004-2010

UF	Agropecuária		Agropecuária		Agropecuária		2010
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	
RO	7.053	7.748	7.746	8.479	9.378	9.948	10.471
AC	2.113	2.377	2.558	2.624	2.881	2.928	3.280
AM	2.499	2.488	2.899	2.846	2.938	2.832	3.099
RR	674	692	995	1.078	1.225	839	822
PA	27.105	28.614	35.573	38.404	39.013	38.753	39.978
AP	637	576	966	1.156	1.290	1.065	1.035
TO	11.836	12.495	12.779	13.016	14.005	14.235	14.684
MA	10.081	11.425	14.341	17.624	17.204	17.495	17.894
PI	4.632	4.028	4.757	5.172	5.603	7.121	6.631
CE	18.827	20.987	22.375	24.076	25.510	24.433	22.280
RN	22.960	21.524	21.354	19.153	16.940	15.112	14.247
PB	16.265	15.582	15.889	12.669	13.865	15.407	14.160
PE	57.993	56.305	54.758	51.224	47.567	42.077	51.284
AL	9.997	10.668	10.980	10.855	10.089	9.987	9.829
SE	8.763	7.568	9.551	10.322	12.777	12.298	13.730
BA	79.447	84.369	80.367	78.571	81.757	81.955	86.604
MG	224.844	231.904	247.750	245.287	248.883	247.258	249.439
ES	28.399	30.652	30.359	29.376	30.551	30.501	29.475
RJ	28.785	28.287	26.826	24.971	23.772	23.137	23.169
SP	342.587	336.138	357.108	369.141	375.160	372.451	331.411
PR	93.162	91.124	91.434	91.627	104.022	105.234	102.590
SC	44.274	44.511	42.574	42.864	42.802	44.254	43.105
RS	74.477	73.263	71.585	75.222	78.079	80.419	82.135
MS	55.932	54.912	57.724	58.433	58.549	60.895	61.701
MT	65.322	63.952	64.170	73.024	79.058	83.892	88.300
GO	61.463	62.357	63.582	68.832	71.123	75.847	81.698
DF	5.512	5.774	6.250	6.024	6.059	6.276	6.570
Total	1.305.639	1.310.320	1.357.230	1.382.070	1.420.100	1.427.649	1.409.597

Fonte: RAIS, 2011, Ministério do Trabalho e do Emprego (2011)

Esse resultado mostra que o crescimento da cadeia produtiva, especificamente no caso da soja, afetou positivamente os indicadores econômicos e sociais, pois além de gerar empregos formais, renda e recolhimento de impostos, estimula a pesquisa e o desenvolvimento

tecnológico, com o objetivo de continuar liderando dentro da competitividade do mercado mundial.

3. Principais Indicadores para a região do Mato Grosso do Sul

A ascensão do agronegócio brasileiro provocou impactos econômicos e sociais significativos, especialmente para o Mato Grosso do Sul. O estado galgou à sexta posição na escala dos maiores produtores do Brasil, alcançando um superávit de US\$ 2,8 bilhões em 2011 (FAMASUL, 2012), além de superar a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto nacional (tabela 4).

Tabela 4: Comparação da taxa de crescimento do PIB brasileiro com o PIB sul-mato-grossense

Ano	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
PIB BR (%)	4,0	6,1	5,2	- 0,3	7,5	2,7	0,9	2,3
PIB MS (%)	5,1	6,9	6,36	0,4	11,0	5,93	5,7	7,5

Fonte: SEMAC, 2013.

O melhor desempenho verifica-se nos últimos três anos, nos quais o PIB sul-mato-grossense foi mais que duas vezes maior que o nacional (tabela 4). Isso mostra a importância dessa cadeia, não apenas para a região, mas também para a economia do país, já que em 2013 o PIB da agropecuária cresceu 7% em relação ao ano anterior (SEMAC, 2013), confirmando a necessidade da prática e especialização da atividade para o Brasil. Assim como em nível nacional, também dentre os principais produtos de exportação da agropecuária sul-mato-grossense destaca-se a cultura da soja (tabela 5), respectivamente: soja em grãos, óleo de soja bruto e óleo de soja refinado.

Tabela5: Totais de Exportação de Grão de Soja (mesmo triturado) do MS

Ano	Valor (US\$)
2003	50.488.429
2004	102.675.109
2005	235.119.827
2006	262.776.963
2007	294.147.990
2008	457.675.958
2009	311.151.573
2010	509.148.267
2011	695.525.011
2012	705.135.630
2013	1.201.497.183

Fonte: MDIC, 2013.

Barros (1999) informa que o cultivo da soja no então estado de Mato Grosso teve início na região de Dourados, no fim da década de 1960:

Essa região possui um clima muito semelhante ao do oeste do Paraná, solos de alta fertilidade natural, e àquela época já possuía uma estrutura fundiária onde predominavam as pequenas propriedades oriundas da Colônia Agrícola Federal de Dourados, implantada por Getúlio Vargas, em 1943 (BARROS, 1999, p.113).

O Mato Grosso do Sul tem a China como principal destino de exportação desde 2005, e a soja em grãos é a responsável por esse fato. Em 2005, 20,46% do total dos produtos exportados do estado foi o grão de soja; em 2013, esse número subiu para 22,86%. Nos mesmos anos, a participação da China nas exportações passou de 11,8% para 30,81% (MDIC, 2014).

O estado possui uma área de 1,815 milhões de hectares plantados de soja, gerando uma média de produção anual de 4,639 milhões de toneladas (tabela 6). A média ponderada de produtividade para a safra de soja em 2011/12 no Mato Grosso do Sul foi de 2.556 kg/ha, equivalentes a 42,6 sc/hect. O município que teve o melhor desempenho no ano de 2012 foi Costa Rica, na região norte, com uma média de 55,3 sc/hect (FAMASUL, 2012).

Em 2013, a produção de soja no estado totalizou 6,05 milhões de toneladas, significando um aumento de 4,5% em relação ao ano anterior (APROSOJA-MS, 2014), com uma média de produtividade de 46,3 sc/hect. O município com maior produtividade nessa safra foi Chapadão do Sul, com média de 57sc/hect (SIGA-MS, 2014). Embora a produtividade da safra de 2013/2014 tenha sido inferior à saca em 2012/2013, que alcançou 48 sc/hect, a produção atingiu um novo recorde.

Tabela 6: Área Plantada e Colhida de Soja no Mato Grosso do Sul (Hectares)

Ano	Área Plantada	Área Colhida
2002	1.195.774	1.195.544
2003	1.412.307	1.411.307
2004	1.812.006	1.796.433
2005	2.038.176	2.025.155
2006	1.907.688	1.903.852
2007	1.718.031	1.718.031
2008	1.732.031	1.731.376
2009	1.717.436	1.708.723
2010	1.732.492	1.732.297
2011	1.761.910	1.738.091

Fonte: SIDRA-Censo Agropecuário, 2013.

É possível observar que o crescimento das exportações do agronegócio no Mato Grosso do Sul tem sido superior ao nacional desde 2007 (tabela 7). Enquanto o estado apresentou um incremento de 854,56%, o do cenário nacional foi de 344,75% (ALICEWEB2, 2013).

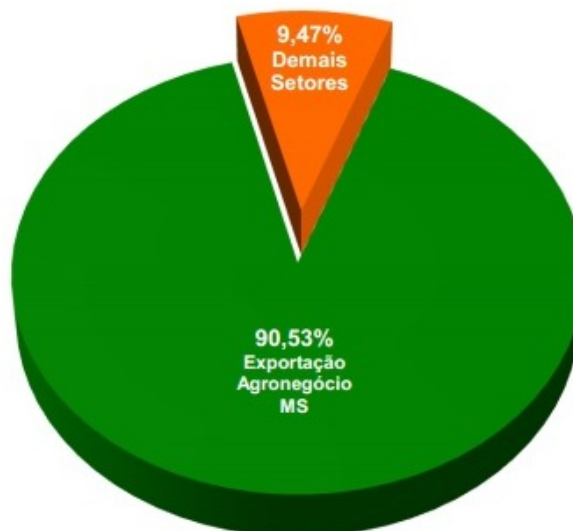
Tabela 7: Balança comercial do agronegócio em Mato Grosso do Sul – US\$ 1.000

	2007	2008	2009	2010	2011
Exportação	1.193.827	1.711.480	1.622.013	2.610.051	3.242.471
Importação	181.064	199.601	167.616	236.664	353.041
Total	1.374.891	1.911.081	1.789.629	2.846.715	3.595.512
Saldo	1.012.763	1.511.879	1.454.397	2.373.387	2.889.430

Fonte: AgroStat, MAPA, 2012.

Em 2013, o setor de agronegócio do Mato Grosso do Sul exportou o equivalente a US\$ 4,758 bilhões, o que correspondeu a 90,53% das exportações totais (US\$ 5,256 bilhões) (gráfico 7), sendo que 25% desse montante originou-se do complexo da soja, como revela o gráfico 8.

Gráfico 7 – Participação do Agronegócio



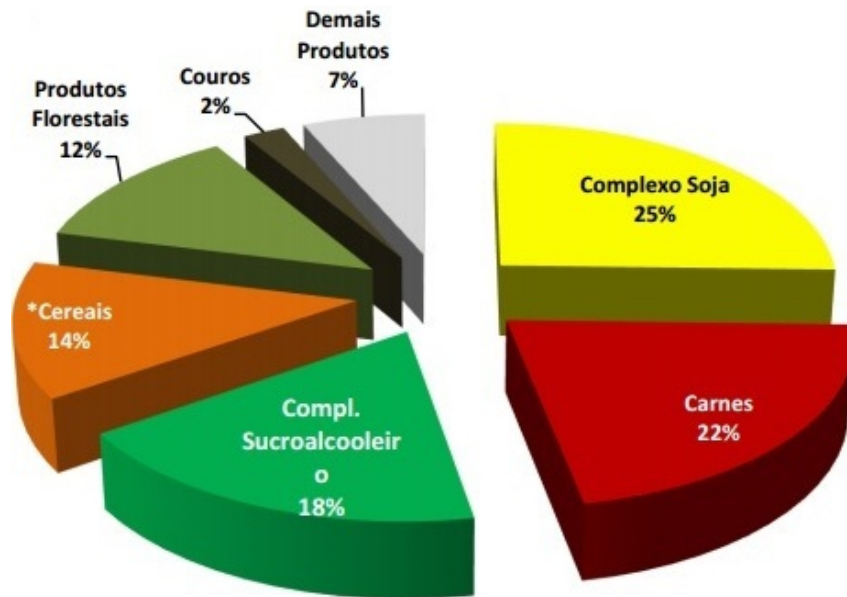
Fonte: Agrostat / MAPA.

Elaboração: UNITEC / FAMASUL.

* Cereais: Milho, Arroz, Trigo, Cevada, e subprodutos.

Fonte: MAPA, 2014

Gráfico 8 – Principais Produtos Exportados pelo Agronegócio do MS



Fonte: Agrosat/MAPA, 2014 (FAMASUL, 2014)

Casarotto (2013) comenta que o saldo da balança comercial do agronegócio tem sido amplamente favorável no estado de Mato Grosso do Sul nos últimos anos.

Isso indica que o comércio internacional de Mato Grosso do Sul possui uma forte dependência do agronegócio, principalmente no que se refere às exportações, uma vez que das exportações totais do estado em 2010 e 2011, 88% e 83%, respectivamente, foram geradas pelo setor (CASAROTTO, 2013, p. 35).

Outro fator que contribuiu para o desenvolvimento regional foi a participação de grandes empresas do setor na economia. As 10 principais empresas do estado são responsáveis por cerca de US\$ 2,6 bilhões (66%) do total das exportações, sendo que oito delas são do segmento do agronegócio: Fibria-MS Celulose Sul-Mato-Grossense Ltda.; JBS S/A; Bunge Alimentos S/A; Seara Alimentos S/A; ADM do Brasil Ltda.; Cargill Agrícola S/A; Tavares de Melo Açúcar e Álcool S/A; Cooperativa Agropecuária Mourãoense Ltda. (SECEX/MDIC, 2013).

Além de contribuir para o crescimento econômico e incremento das exportações, essas empresas também auxiliam na geração de empregos. No setor agrícola, a geração de empregos é ampla, tanto de forma direta como indireta, e ocorreu na área de produção, indústria de transformação, armazenagem e distribuição (tabela 8).

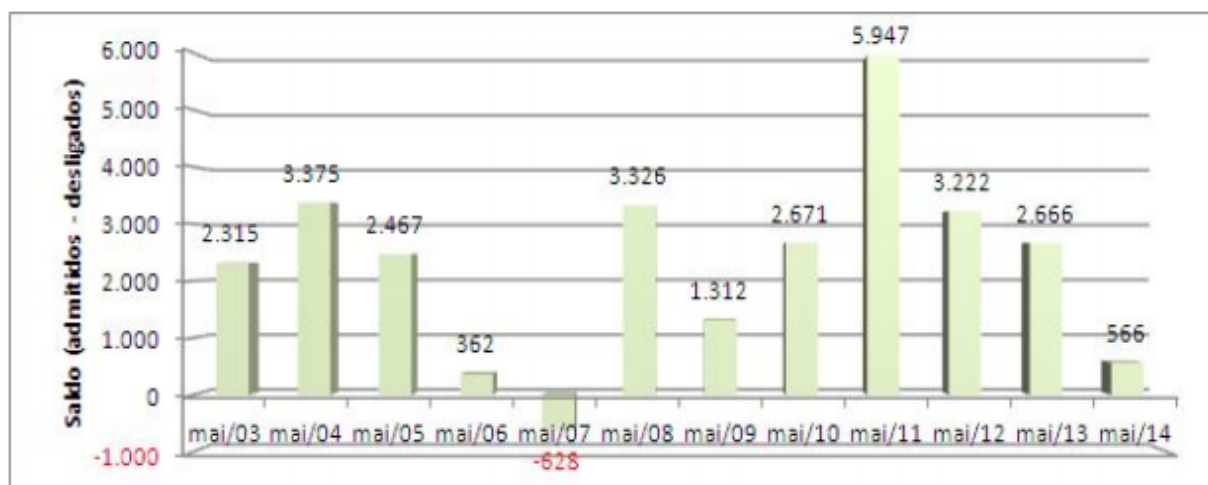
Tabela 8: Evolução do emprego por ano na agricultura 2004-2014

Ano	Brasil		Mato Grosso do Sul	
	S/ Ajuste	Ajustado	S/ Ajuste	Ajustado
2004	79.274	112.136	20.087	26.387
2005	-12.878	12.955	4.612	8.768
2006	6.574	36.264	6.507	10.476
2007	21.093	54.858	11.922	21.365
2008	18.232	20.728	9.866	15.237
2009	-15.369	12.651	12.900	18.556
2010	-25.946	-170	19.738	29.176
2011	50.488	85.585	15.592	24.091
2012	-24.564	6.151	14.925	24.824
2013	-29.303	-7.632	13.346	18.938
2014*	18.581	20.859	6.270	7.713

Fonte: MTE/SPPE/DES/CGET (CAGED, 2014).

*janeiro a abril

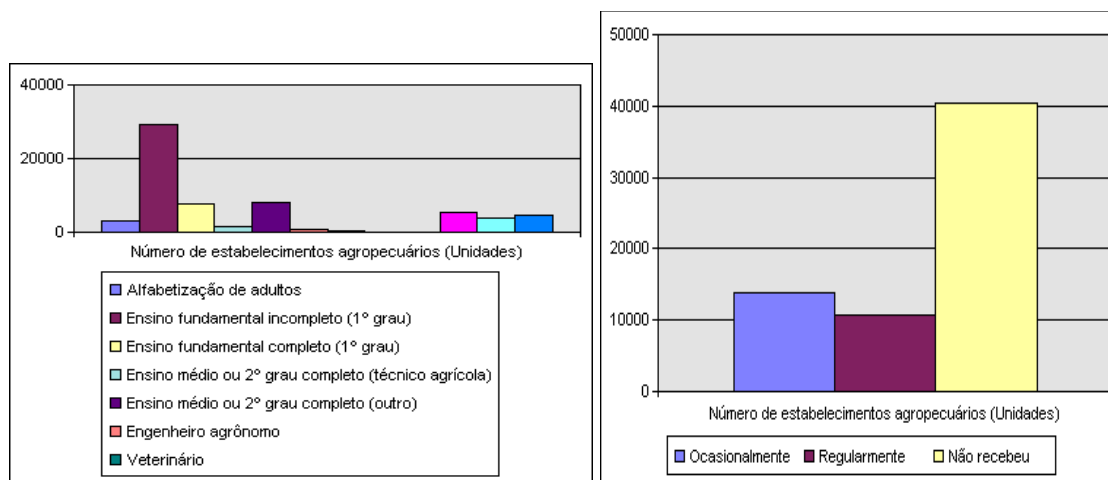
Gráfico 9 – Saldo (sem ajuste) do emprego formal no Mato Grosso do Sul entre Janeiro de 2003 e Abril de 2014



Fonte: CAGED, 2014.

As características dos produtores agrícolas do estado são que a maioria não possui nível de escolaridade fundamental completo ou não recebeu qualquer orientação técnica, e a minoria é composta por engenheiros agrônomos (gráfico 10). Portanto, há oportunidade de trabalho para aqueles que não puderam estudar.

Gráfico 10: Características dos Produtores Agrícolas do MS em 2006



Fonte: SIDRA, 2006.

Essa expansão seria muito maior se alguns problemas fossem resolvidos, como os de infraestrutura e logística. Por exemplo: para 4.336 unidades produtoras de soja, há apenas 1.073 unidades de depósitos e silos para armazenamento de grãos no estado (SIDRA, 2006). Outro exemplo é que, no ano de 2012, 75% da soja sul-mato-grossense deveria ser embarcada pelos portos de Santos e Paranaguá, só que nem toda mercadoria foi enviada devido a não liberação de navios. Isto gerou excesso de oferta nacional, afetando o preço e ocasionando uma perda significativa para os produtores.

Considerações Finais

Ao longo do texto, o objetivo deste trabalho foi examinar os impactos da Relação Brasil-China entre 2003 e 2013. Outro escopo foi analisar os impactos dessa relação na área de exportação de soja do estado de Mato Grosso do Sul. A hipótese inicial se confirmou, isto é, a abertura do mercado chinês e a construção da parceria estratégica sino-brasileira nos últimos 10 anos tiveram resultados positivos para a economia sul-mato-grossense, especialmente para a cadeia produtiva da soja.

A partir da análise dessa trajetória, que se iniciou no final da década de 1990 e segue até os dias atuais, foi possível observar que os laços político-econômicos entre o Brasil e a China foram estreitados. Aliás, a China tornou-se o principal destino das exportações brasileiras. O comércio de *commodities* agrícolas foi um dos pilares dessa aproximação, já que 83% das mercadorias exportadas pelo Brasil foram produtos básicos (MDIC, 2012). Dentre os diversos produtos, aqueles oriundos do complexo da soja são um dos destaques, liderando o *ranking* de exportação para a China desde 2003.

Embora muitos autores, como Salama (2012), defendam que tal especialização do Brasil leva-o ao processo de desindustrialização de toda a sua economia, os impactos dessa relação são bem variados nas diferentes áreas do país. No caso da região sul-mato-grossense os impactos foram positivos, pois os produtos do agronegócio, em especial o complexo da soja, são o principal sustentáculo da economia local.

Desde 2005, a demanda chinesa ocupa o primeiro lugar no *ranking* de exportação de soja do estado do Mato Grosso do Sul para a Ásia. Esse fato elevou o estado à sexta posição entre os maiores exportadores de soja em grãos. Essa demanda crescente impacta positivamente a região, propiciando benefícios como a geração de empregos e renda, entre outros. Logo, no caso do Mato Grosso do Sul, percebe-se que os atuais parâmetros da discussão sobre a desindustrialização devem ser relativizados e melhor estudados, para que não caiamos em simplismos acadêmicos.

Por fim, destaca-se a importância de se estudar a relação do Brasil com a China, já que o país asiático cresceu considerável e radicalmente nos últimos 30 anos, como mostra claramente a evolução de seu PIB, que teve um aumento de dez vezes desde o início da reforma do país em 1978. Desde então, a China vem conquistando significativo espaço no cenário internacional e mercado global, alcançando a posição de segunda maior potência mundial. Portanto, comercialmente, a China é um parceiro valioso para o Brasil, pois sua demanda, mesmo que por produtos primários, ocupa lugar de grande destaque na economia brasileira.

Referências

ALICEWEB2, **Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior** (2013). Publicado em: [http://aliceweb.mdic.gov.br/]. Disponibilidade: 01/02/2013.

AMSDEN, Alice H (2009). **A ascensão do resto: os desafios ao ocidente de economias com industrialização tardia**. São Paulo: Unesp.

APEX-Brasil (2010). **China. Informações Estratégicas. Macroindicadores. Intercâmbio Comercial**. Publicado em: [http://mercadofoco.apexbrasil.com.br/china/informacoes-estrategicas/macroindicadores/intercambio-comercial]. Disponibilidade: 13/09/2013.

APROSOJA, Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso do Sul (2013). **Produção de Soja Anual**. Publicado em: [http://aprosojams.org.br/verNoticia?id=3423&tit=Em-julho,-IBGE-prev%C3%AA-safra-2,6--maior-que-a-de-2013.html] Disponibilidade: 13/09/2013.

ASSOCIAÇÃO Nacional de Exportadores de Cereais (2013). **Evolução das Exportações de Soja em Grãos**. Publicado em: [http://www.anec.com.br/pdfportugues/EvolucaoExportacoesSojaGraosPortoEmbarque.ppd]. Disponibilidade: 09/2013.

- BARROS, N. B. M. (1999). **Campo Grande: 100 anos de Construção**. Campo Grande: Matriz.
- BIATO JÚNIOR, Oswaldo (2010). **A Parceria Estratégica Sino-Brasileira: origens, evolução e perspectivas (1993-2006)**. Brasília: FUNAG.
- BRASIL. (2014) **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados**. Publicado em: [<http://portal.mte.gov.br/caged/>]. Disponibilidade: 01/02/2014.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR – MDIC. **Secretaria de Comércio Exterior** (2010). Publicado em: [<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=3158&refr=576>]. Disponibilidade: 20/02/2014.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO - MAPA (2012). **AgroStat. Estatísticas do comércio exterior do agronegócio brasileiro**. Publicado em: [<https://login.agricultura.gov.br/sso/pages/login.jsp>]. Disponibilidade: 12/12/2012.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR – MDIC (2012). **Balança Comercial Brasileira – Dados Consolidados**. Brasília (DF). Publicado em: [http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1365787109.pdf]. Disponibilidade: 13/04/2013.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR – MDIC (2013). **Balança Comercial: Unidades da Federação**. Publicado em: [<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1076>] Disponibilidade: 13/06/2013.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR – MDIC. **Secretaria de Comércio Exterior** (2013). Publicado em: [<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1076>]. Disponibilidade: 10/10/ 2013.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR – MDIC. **Secretaria de Comércio Exterior** (2014). Publicado em: [<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1194&refr=576>] Disponibilidade: 20/02/2014.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO (2010). **Relação Anual de Informações Sociais - RAIS 2010**. Publicado em: [<http://www3.mte.gov.br/rais/>]. Disponibilidade: 13/09/2013.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO (2011). **Relação Anual de Informações Sociais - RAIS 2011**. Publicado em: [<http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A39D953B90139DEFF84403EE7/RAIS%202011%20RJ.pdf>]. Disponibilidade: 13/09/2013.
- BRASIL. **Sistema IBGE de Recuperação Automática** (2006). Publicado em: [<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/ca/default.asp?o=2&i=P>]. Disponibilidade: 13/09/ 2013.
- BRASIL. **Sistema IBGE de Recuperação Automática** (2013). Publicado em: [<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo9.asp?e=c&p=LA&z=t&o=11>]. Disponibilidade: 13/09/ 2013.
- CASAROTTO, Eduardo Luis (2013). **Desempenho da Pauta de Exportações do Agronegócio de Mato Grosso do Sul**. Dourados: UFGD. Publicado em:

[<http://www.ufgd.edu.br/face/mestrado-agronegocios/downloads/dissertacao-eduardo>].
Disponibilidade: 13/09/2013.

CENTRO de Estudos Avançados em Economia Aplicada (2011). **Relatório de PIB 2009**.
Publicado em: [http://www.cepea.esalq.usp.br/pibpec/PIB_Cadeias_relatorio2009_10.pdf]
Disponibilidade: 13/09/2013.

DALL'AGNOL, Amélio; LAZAROTTO, Joelsio José; HIRAKURI, Marcelo Hiroshi (2010).
Desenvolvimento, Mercado e Rentabilidade da Soja Brasileira. **Revista Circular Técnica**,
74.

DANESE, Sergio França (1999). Diplomacia Presencial. **Ed. Carta Internacional**, VII(72).

EMBRAPA (2004). **Tecnologias de Produção de Soja na Região Central do Brasil 2004**
Publicado em: [<http://www.cnpso.embrapa.br/producaosoja/SojanoBrasil.htm>].
Disponibilidade: 15/08/2013.

DIEESE (2011). **Desindustrialização: conceito e situação do Brasil**. Publicado em:
[http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D3052393E013055A36C450E9D/dieese_nt100.pdf].
Disponibilidade: 06/07/ 2014.

FEDERAÇÃO da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (2012). **Levantamento de
Produtividade da Cultura da Soja para a Safra 2011-2012**. Publicado em:
[[http://famasul.com.br/public/area-produtor/818-levantamento-de-produtividade-da-cultura-
da-soja-para-a-safra-2011-2012-em-ms.pdf](http://famasul.com.br/public/area-produtor/818-levantamento-de-produtividade-da-cultura-da-soja-para-a-safra-2011-2012-em-ms.pdf)]. Disponibilidade: 06/07/2014.

FEDERAÇÃO da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (2013). **Apagão Logístico
Ameaça Economia Brasileira**. Publicado em:
[[http://www.famasul.com.br/noticias_interna/apagao-logistico-ameaca-economia-brasileira-
diz-rural/17996/](http://www.famasul.com.br/noticias_interna/apagao-logistico-ameaca-economia-brasileira-diz-rural/17996/)]. Disponibilidade: 13/09/ 2013.

FEDERAÇÃO da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (2014). **Agrojovem**.
Publicado em: [<http://famasul.com.br/imagens/palestras/2014/agrojovem.pdf>].
Disponibilidade: 13/09/2013.

FARHI, Maryse; PRATES, Daniela Magalhães; FREITAS, Maria Cristina Penido de;
CINTRA, Marcos Antonio Macedo (2009). A crise e os desafios para a nova arquitetura
financeira internacional. **Revista de Economia Política** 29 (1). Publicado em:
[<http://www.scielo.br/pdf/rep/v29n1/08.pdf>]. Disponibilidade: 13/09/2013.

GUIMARÃES, Samuel P (2002). **Quinhentos anos de periferia: contribuição ao estudo da
política internacional**. Porto Alegre: UFRGS.

IPEADATA (2010). **Taxa de câmbio real efetiva de exportações de manufaturados**.
Publicado em: [<http://www.ipeadata.gov.br/>]. Acesso em: 20/09/2013.

LEITE, Patrícia Soares (2011). **O Brasil e a operação Sul-Sul em três momentos: os
governos Jânio Quadros/João Goulart, Ernesto Geisel e Luiz Inácio Lula da Silva**.
Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.

LESSA, Antonio C. (2003). O primeiro ano da política externa do governo Lula: renovação
na continuidade? **Meridiano 47**, 40-1: 69-7.

MARTINS, Carlos Eduardo (2007). O Brasil e a dimensão econômico-social do governo
Lula: resultados e perspectivas. **Revista Katálysis** [online], 10(1): 35-43.

MARTINS, Jayme (2008). A era Deng, passo a passo. In: Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional – III CNPEPI: **O Brasil no mundo que vem aí. Seminário: China**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão. p. 65-85.

MELO, Thiago da Silva. **Comércio Exterior e Territorialidade Econômica das Unidades de Exportadoras de Grãos do Mato Grosso do Sul**. Publicado em: [<http://eventos.ufgd.edu.br:9000/enepe/arquivos/modelos/ModeloTrabalhoCompletoENMod2013.pdf>]. Disponibilidade: 13/09/2013.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de (2004). Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica. **Revista Brasileira de Política Internacional** [online], 47(1): 7-30.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de (2010). Brasil e China: uma nova aliança não escrita? **Revista Brasileira de Política Internacional** [online], 53(2): 88-105.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de (2012). **Brasil e China**: Belo Horizonte: Fino Traço Editora, v. 1.

OREIRO, José Luis; FEIJO, Carmem A (2010). Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. **Revista de Economia Política** [online], 30(2): 219-32.

PUTNAM, Robert D. (2010). Diplomacia e política doméstica: a lógica dos jogos de dois níveis. **Revista de Sociologia e Política** [online], 18(36): 147-74.

RENOUVIN, Pierre; DUROSELLE, Jean Baptiste (1967). **Introdução à história das relações internacionais**. São Paulo: Difel.

SALAMA, Pierre (2012). China-Brasil: industrialização e “desindustrialização precoce”. **Cadernos do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, 7(10): 229-51.

SARAIVA, M. G. (2010). Brazilian foreign policy towards South America during the Lula administration: caught between South America and Mercosur. **Revista Brasileira de Política Internacional** (Impresso), 53: 151-68.

SEMAC, Secretaria de Estado de Meio Ambiente, do Planejamento, da Ciência e Tecnologia Superintendência de Planejamento (2013). **Contas Regionais – Relatório do PIB**. Publicado em: [http://www.uems.br/institucional/pdi/arquivos/47_2013-04-29_15-45-30.pdf]. Disponibilidade: 20/02/2014

SISTEMA de Informação Geográfica do Agronegócio do Mato Grosso do Sul (2014). **Dados**. Publicado em: [<http://www.sigaweb.org/ms/sistema/>]. Disponibilidade: 13/09/2013.

SILVA, Ariana Cericatto da; LIMA, Érica Priscilla Carvalho de; BATISTA, Henrique Rogê (2011). **A Importância da Soja para o Agronegócio Brasileiro: Uma Análise sob o enfoque da Produção, Emprego e Exportação**. Publicado em: [http://www.apec.unesc.net/V_EEC/sesoes_tematicas/Economia%20rural%20e%20agrigricul%20familiar/A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DA%20SOJA%20PARA%20O%20AGRONEG%C3%93CIO%20BRASILEIRO.pdf]. Disponibilidade: 12/07/2014.

UNITED States Department of Agriculture (2012). In: **WWF Brasil. Produção e Exportação de Soja Brasileira e o Cerrado 2001-2010**. Publicado em: [http://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/wwf_soja_cerrado_web.pdf]. Disponibilidade: 09/2013.

VIGEVANI, Tullo; CEPALUNI, Gabriel (2007). A Política Externa de Lula da Silva: estratégia da autonomia pela diversificação. **Contexto Internacional**. Rio de Janeiro, 29(2) 273-335.

VIGEVANI, Tullo; OLIVEIRA, Marcelo F. de; CINTRA, Rodrigo (2003). Política externa no período FHC: a busca de autonomia pela integração. **Tempo Social**, 15(2).

WORLD Wildlife Fund Brasil (2012). **Produção e Exportação de Soja Brasileira e o Cerrado 2001-2010**. Publicado em:

[http://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/wwf_soja_cerrado_web.pdf].

Disponibilidade: 13/09/ 2013.